Revolução, substantivo feminino: a intersecção da arte com as memórias de mulheres militantes contra a ditadura no Brasil

Revolution, feminine noun: the intersection of art with the memories of militant women against the dictatorship in Brazil

Revolución, sustantivo femenino: la intersección del arte con las memorias de mujeres militantes contra la dictadura en Brasil

Rita Isabel Vaz
Universidade Estadual do Paraná
E-mail: ritavazarte@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6466-7547

Bernadette Panek
Universidade Estadual do Paraná
E-mail: bernadette.panek@ies.unespar.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9182-6008

RESUMO

Este trabalho articula as memórias das mulheres entrevistadas por Maria Claúdia Badan Ribeiro (2018), apresentadas no livro *Mulheres na Luta Armada: protagonismo feminino na ALN (Ação Libertadora Nacional)*, com as questões de arte e política nos anos da ditadura empresarial-militar no Brasil (1964-1985). O problema consiste no questionamento de como a pesquisa em poética pode produzir trabalhos de arte comprometidos com a memória de mulheres atuantes nos anos de ditadura. O objetivo é compreender as trajetórias de vida dessas mulheres, a intersecção entre militância e feminismo e produzir trabalhos autorais que expressem essas lutas e apontem para outras possibilidades de resistência. A referência teórica fundamenta-se em Walter Benjamin (1994)

e Georges Didi-Huberman (2020), e a metodologia em Jean Lancri (2002), que propõe o entrelaçamento entre teoria e prática de forma dialética.

Palavras-Chave: *Memórias; Ditadura empresarial-militar; Arte política; Resistência; Mulheres militantes*.

ABSTRACT

This work articulates the memories of the women interviewed by Maria Claúdia Badan Ribeiro (2018), presented in the book *Mulheres na Luta Armada: protagonismo feminino na ALN (Ação Libertadora Nacional)(Women in the Armed Struggle: female protagonism in the National Liberation Action)*, with the questions of art and politics in the years of the business-military dictatorship in Brazil (1964-1985). The problem lies in the question of how research in poetics can produce works of art committed to the memory of women active during the years of the dictatorship. The goal is to understand the life trajectories of these women, the intersection between militancy and feminism, and to produce original works that express these struggles and point to other possibilities for resistance. The theoretical reference is based on Walter Benjamin (1994) and Georges Didi-Huberman (2020), and the methodology on Jean Lancri (2002), proposing the intertwining between theory and practice in a dialectical way.

Keywords: *Memories; Bussiness-military dictartorship; political art; resistence; Militant woman***.**

RESUMEN

Este trabajo articula las memorias de las mujeres entrevistadas por Maria Claúdia Badan Ribeiro (2018), presentadas en el libro "*Mulheres na Luta Armada": protagonismo femenino en ALN (Acción Libertadora Nacional)*, con las cuestiones del arte y la política en los años de la dictadura empresarial-militar en Brasil (1964-1985). El problema radica en cómo la investigación en la poética puede producir obras de arte comprometidas con la memoria de las mujeres activas durante los años de la dictadura. El objetivo es comprender las trayectorias de vida de estas mujeres, la intersección entre su activismo militante y su feminismo, y producir obras originales que expresen estas luchas y apunten otras posibilidades de resistencia. O referente teórico se basa en Walter Benjamin (1994), y Georges Didi-Huberman (2020), y a metodología en Jean Lancri (2002), que propone el entrelazamiento de la teoría y la práctica de manera dialéctica.

Palabras-Clave: *Memorias; Dictadura empresarial-militar; Arte política; Resistencia; Mujeres militantes.*

Data de submissão: 22/09/2025
Data de aprovação: 30/12/2025

Introdução

> *Tudo tem, todos temos, rosto e marcas. O cão e a serpente e a gaivota e você e eu, quem vive e quem viveu e todos os que caminham, se arrastam ou voam: todos temos rosto e marcas. Os maias acreditam nisso. E acreditam que as marcas, invisíveis, são mais rosto que o rosto visível. Pela marca conhecem você. (Galeano, 1994, p. 91)*

O propósito deste trabalho é problematizar a articulação entre mulheres, arte e militância política, no sentido de respaldar a pesquisa em curso *Memórias de Mulheres que Teceram Resistências à ditadura no Brasil: arte e política*, e a produção da dissertação de Mestrado em Artes Visuais, na linha de Processos Criativos Contemporâneos. Este artigo dialoga com o livro *Mulheres na Luta Armada: protagonismo feminino na ALN (Ação Libertadora Nacional)*, de Maria Cláudia Badan Ribeiro (2018), que entrevistou 45 mulheres que participaram da ALN, e, a partir dos testemunhos, analisa como essas mulheres, ao construírem espaços de atuação política dentro da ALN, transformavam a si mesmas e o mundo que as cercava, apontando para outras possibilidades de ser mulher, numa sociedade patriarcal que reservava às mulheres o espaço privado, o papel de mãe e dona de casa. Essas mulheres entraram para a militância ou por influência da própria família, que tinha uma visão crítica do mundo, ou se contrapondo às famílias reacionárias de algumas delas. Muitas seguiram militando, por causas humanitárias, direitos humanos, democracia, mesmo depois de terem passado pelas agruras da prisão, tortura, clandestinidade e exílio.

Maria Cláudia Badan Ribeiro (2018) demonstra que a ditadura afetou profundamente a vida de todas essas mulheres, de seus familiares e de todos os que, de algum modo, percebiam os horrores que estavam acontecendo naquele período. Os diversos setores da cultura brasileira foram

marcados por questões políticas e de resistência à ditadura empresarial-militar[1], entre 1964 e 1985. Nesse período, muitas mulheres artistas também usaram os meios de que dispunham para denunciar o que estava acontecendo.

Continuar falando desse assunto é imprescindível frente aos retrocessos em relação à democracia e à ascensão do fascismo que temos visto nos últimos anos. Relembrar o passado e trazer à tona os tempos sombrios do período da ditadura pode contribuir para que essas histórias não se repitam. Recentemente, assisti ao filme *Ainda Estou Aqui,* baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva (2015), dirigido por Walter Salles, esse longa oferece a contribuição histórica do cinema na construção da memória dos tempos sombrios da ditadura, mostrando a importância de relembrar e ressaltando a impunidade dos militares que perpetraram os atos de crueldade e violência extrema, bem como o apagamento sistemático das memórias desse período. Ao contar essa história, pela perspectiva de uma mulher - Eunice Paiva -, é importante destacar que incontáveis outras estão sendo relembradas, como por exemplo Marli Pereira Soares, Clarice Herzog, Damaris Lucena, Crimeia de Almeida, Carolina Rewaptu, Ilda Martins da Silva, Angela Mendes de Almeida, Elizabeth Teixeira, Egle Vannucchi Leme, Elzita Santa Crua, Clara Charf, Ana Dias, Diana Piló de Oliveira, Maria José Araújo, citando algumas das mulheres que buscaram justiça por familiares mortos pela ditadura e lutaram pelos direitos humanos. Essas mulheres, assim como Eunice Paiva, são protagonistas do livro *"Heroínas desta história: Mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura",* organizado por Carla Borges e Tatiana Merlino (2019).

As mulheres ouvidas por Maria Cláudia Badan Ribeiro (2018) não se consideravam feministas, embora seus posicionamentos estivessem em consonância com as pautas feministas. As mulheres se organizavam para lutar por igualdade, política e econômica. Ao darem seus testemunhos, contextualizaram um determinado período histórico e colaboraram para a comprensão e reflexão sobre a realidade brasileira e reafirmaram o compromisso com a transformação da realidade em que viviam e atuavam, de maneira individual ou coletiva, posicionando-se politicamente.

Diferentes setores da cultura brasileira, desde os tempos da ditadura e mais fortemente após a instauração da Comissão Nacional da Verdade[2] (2011), abordaram questões sobre a temática da ditadura, seja denunciando, seja mobilizando a reflexão a respeito do período autoritário e suas consequências para a vida cotidiana.

A metodologia da pesquisa se ampara em Jean Lancri (2002) que enfatiza a articulação entre a pesquisa teórica e a construção poética, de tal forma que uma modifique a outra. Proponho a construção de trabalhos plásticos que dialoguem com a memória das mulheres militantes contra a ditadura no Brasil.

Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre as interferências da ditadura militar na trajetória de vida das mulheres, como se construíram enquanto militantes de esquerda e quais as conexões entre as questões políticas e femininas, relacionando seus percursos à construção de um trabalho plástico que ressalte a importância histórica dessas mulheres e as possibilidades de uma arte comprometida politicamente com a transformação.

Para alcançar o objetivo acima exposto, percorrerei o seguinte roteiro: i) identificar no livro *Mulheres na luta armada* a militância naquele período e a intersecção com questões femininas; ii) analisar os espaços de formação política, as possibilidades de subversão dos padrões estabelecidos e a atuação nas diferentes frentes da ALN; iii) construir trabalhos plásticos que expressem as possibilidades de levante, conectados à leitura de *Desear y desobedecer*, de Georges Didi-Huberman; iv) identificar e dialogar com autores do campo das artes plásticas o desenvolvimento e a produção poética relacionada com as questões históricas; v) apresentar trabalhos visuais resultantes da pesquisa que salientam as possibilidades de atuação política na arte, os estímulos culturais como fatores de leitura do mundo e formação de consciências críticas e os espaços de transformação de si e do mundo.

Neste artigo proponho o trabalho artístico vinculado à pesquisa teórica dialogando com os conceitos de memória, militância política e feminina. Reafirmo a importância de trabalhar esse tema da história das mulheres que fizeram resistência contra a ditadura e lutar contra o apagamento da memória por meio dos trabalhos plásticos produzidos.

1. Silenciamento histórico: transformação do papel feminino

O livro intitulado *Mulheres na Luta Armada* apresenta uma análise cuidadosa da participação de mulheres na Ação Libertadora Nacional e demonstra as diversas formas de militância política. Maria Cláudia Bandan Ribeiro entrevistou 45 mulheres procurando ressaltar como participaram de uma rede de resistência que se constituiu no período da ditadura empresarial-militar no Brasil.

A autora investiga as redes de solidariedade formadas, como colaboravam e participavam das transformações da sociedade, mudando os papéis entre os sexos e ocupando lugar no espaço público, questionando os valores morais impostos pela sociedade patriarcal e reforçados pela ditadura empresarial-militar. As mulheres atuavam nos diferentes setores da ALN, de acordo com as habilidades e as necessidades da organização. Ela ressalta que não existiam formas mais ou menos importantes de militância, e as atividades cotidianas revestiam-se de novos sentidos, mesmo em atividades mínimas corriam-se riscos enormes. O objetivo das entrevistas foi o de investigar o contexto em que viveram, o início da militância, a adesão ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), a aceitação das atividades pela família, a influência dos movimentos culturais da época, a vinculação à ALN, o tipo de atuação, o período de prisão e a vida no processo de redemocratização.

Em relação ao engajamento político das entrevistadas, a autora coloca a dificuldade de situar no tempo a formação da consciência política e destaca os eixos fundamentais que influenciaram o posicionamento individual e coletivo, como a educação formal, estímulos intelectuais, organizações, sindicatos, associações de bairro, partido, atividades culturais, pais, amigos, colegas de classe, vizinhos, professores, sacerdotes, outros militantes, e conclui que o desejo de transformação do mundo era um motivo para a decisão pela militância. "São 'narrativas' femininas que ao mesmo tempo reconstroem sentidos, resgatam experiências, realizam uma releitura do passado, reapropriando-se dele, enquanto histórias públicas e privadas" (Ribeiro, 2018, p. 13). Esses relatos demonstram como se estruturaram as redes de resistência nas práticas de solidariedade e como alteraram a vida cotidiana, e traçam um mapa da militância das mulheres que desempenharam diferentes papéis, dentro e fora das organizações. Mesmo pessoas que não tinham uma postura aberta de oposição ao regime atuaram, utilizando os recursos que tinham, para a resistência à ditadura. Por meio de sua pesquisa, Maria Claudia Badan Ribeiro pode identificar e resgatar

> [...] onde a resistência ideológica existiu, suas tensões, as formas com que estas mulheres se moveram sob o contexto da ditadura para atuar, exigir, transgredir o muro de suas casas e tecer solidariedade e alianças. Suas lutas, compromissos e convicções políticas se forjaram também durante a resistência as violências e arbitrariedades do Estado. (Ribeiro, 2018, p. 22)

A autora segue demonstrando como o golpe militar-empresarial realizado no Brasil trouxe a violência, o controle e a regulação da vida cotidiana, estabelecendo o que representava o bem, o mal, a ordem, a desordem, a retidão e o desvio. O feminino e o masculino também foram controlados pela ditadura, tanto no público quanto no privado: a ditadura exerceu controle sobre as relações afetivas, sobre os cortes de cabelos, o vestuário, a aparência do que consideravam subversivo (Ribeiro, 2018). Tudo que fugia ao que foi normatizado dentro dos ditames morais da ditadura era considerado subversivo. O despertar da consciência feminina para a militância veio em contraposição ao conservadorismo, a mulher passou a ocupar o espaço público, a subverter a ordem do que era delas esperado. A ditadura dispersou os espaços de sociabilidade, qualquer reunião era considerada conspiração, assim, os gestos de solidariedade com a dor alheia eram presunção de afronta à segurança nacional. A ditadura interferiu no espaço do luto, pois os corpos dos militantes políticos não podiam ser velados, os caixões eram lacrados, ou os corpos não eram entregues aos familiares, apenas "desapareciam" sem explicações. Arbitrariamente, o regime tipificava a atuação dos militantes e também englobava, nesse perfil, todas as pessoas que facilitassem fugas, realizassem levantamentos de recursos, acolhessem militantes em casa ou prestassem qualquer tipo de ajuda.

Para as mulheres, sempre havia uma desqualificação, eram consideradas delinquentes, desajustadas, com problemas emocionais ou familiares, algumas eram internadas em hospitais psiquiátricos, com a justificativa de uma suposta inaptidão de convivência social; às vezes, o internamento ocorria por serem menores de idade (Ribeiro, 2018). A ditadura pretendia a obediência e o aniquilamento do ser político. Para sobreviverem, essas mulheres tiveram que reorganizar a vida, quando faziam parte das redes de apoio, precisavam pensar em cada detalhe. A resistência se faz aos poucos, foi construída de pequenas e grandes ações, e todas elas são imprescindíveis.

Trago em mim uma profunda identificação com essas mulheres. Muitas foram as linhas que teceram minha formação enquanto mulher subversiva e, de alguma maneira, os movimentos individuais e coletivos foram construindo micro transformações na minha forma de estar no mundo. Quando penso na minha poética, penso desta maneira: como falar das mulheres que se opuseram à ditadura? Que fios eram esses que fizeram a urdidura sobre a qual se construiu a trama do desejo de subversão? Como se deslocar de um estado de alienação em relação à realidade para a conscientização e construção de uma subjetividade subversiva? Que tesoura corta os fios da alienação? E que agulha costura outras possibilidades de trama? Como se desmancha, enrolam-se os fios e se refaz a trama de uma outra forma, que implica conscientização em relação às desigualdades sociais e desejo de transformação? Com quais fios se tece a trama da rebeldia, os levantes? E na tentativa de dar respostas a essas perguntas, construo os trabalhos práticos, com os materiais que me são familiares; tecidos, fios, trabalhos de agulhas, junção de imagens e textos. E esses trabalhos são vestimentas para serem incorporados aos corpos, assim como as palavras neles inscritas, falam do meu desejo de fazer uma arte subversiva e transformadora. Se cada mulher militante, nos tempos da ditadura, contribuiu com o que dispunha e foi fundamental para a resistência, também eu, enquanto artista, desejo uma arte instigadora.

2. Desejo, desobediência e levantes

Georges Didi-Huberman (2020), no livro *Desear y desobedecer*, a partir de imagens construídas por artistas, cineastas, fotógrafos, bem como autores de diversas áreas do conhecimento, busca compreeender o que faz um levante. Ele afirma que os levantes se constroem em situações de perdas irreparáveis, que acendem o desejo de mudar, desejo de se levantar, de resistir a uma determinada situação. O autor discute a iconografia dos gestos nas manifestações artísticas e vai demonstrando, ao longo da história, as situações que provocaram levantes. Entre essas imagens, selecionei duas que inspiraram meu trabalho plástico, a primeira delas, o anjo de Walter Benjamin[3] que, ao ser impulsionado para o futuro, não pode deixar de se assombrar com as tragédias do passado que se amontoam sob seus pés. (Benjamin 1985[1994]).



Fig.1: Paul Klee. *Angelus Novus.* Oil transfer and watercolor on paper, 31.8 x 24.2 cm. Fonte: Marschalk (2024).

A segunda imagem é um desenho de Francisco de Goya, *No harás nada com clamar*, que retrata um homem cujos punhos se fecham e se projetam para cima, todo o corpo expressa indignação e raiva, os braços se levantam em protesto e insubordinação, são forças que se erguem contra toda as perdas, a boca aberta parece gritar, são gestos de um corpo inteiro que clamam, resistem, desejam e se rebelam.



Fig. 2: Franscisco de Goya. *No harás nada com clamar.* 1803-1812. Desenho a tinta sobre papel, 26, 5 x 18,1 cm. Coleção particular Philip Hofer. Fonte: Fundación Goya (2025).

Essa discussão interessa à minha pesquisa, que pretende compreender em quais circunstâncias mulheres se levantaram contra a ordem vigente, fosse a ordem pessoal, familiar, fosse a ordem política da ditadura daquele momento. Que desejos moviam essas mulheres a ponto de fazê-las subverter a ordem do que era esperado para elas? Para algumas, foi o contato direto com a desigualdade social, proporcionado ao participarem de grupos ligados à igreja católica, à teologia da libertação, por exemplo; outras encontraram a rebeldia nos livros que liam e ao se depararem com as manifestações culturais da época. Levantar-se exige que se abalem as verdades que nos cercam e nos determinam e, portanto, rompa com o mais profundo de nós mesmas. Mulheres provenientes de diferentes classes sociais estiveram juntas na luta contra o regime, considerando outros elementos de participação social que antecederam a luta armada, como grupos e associações femininas: havia mulheres organizadas nos bairros populares. As redes informais se constituíram como espaços de resistência, articularam-se mantendo certa liberdade de movimento, formando as redes de apoio e ajuda. A entrevistada Flávia Schilling fala dos espaços de resistência como quebra e criação, e não apenas como reação. Situações de insubordinação surgem em contextos de aprisionamento pelo poder. O que se conecta com as reflexões trazidas por Didi-Huberman (2020) acerca dos levantes na história.

Existem incontáveis levantes e revoluções na história que fracassaram, mas o que interessa ao meu trabalho, enquanto artista, é captar o que sobrevive e que reflexões posso trazer nos trabalhos plásticos que transmitam as possibilidades de subversão. Por essa razão, busco compreender o que faz o engajamento político e a resistência.

3. Engajamento político e resistência

Ribeiro (2018) entende a resistência como uma atitude radical de não ceder ao opressor, de não cooperação, e analisa a oposição das mulheres da ALN à ditadura, no viés artístico, intelectual, institucional, religioso, familiar ou individual. Para algumas mulheres, a educação familiar era determinante, algumas delas relataram em seus testemunhos que vinham de famílias que se posicionavam politicamente, enquanto outras discordavam ideologicamente das suas famílias, e se rebelaram. A educação formal, enquanto lugar de saber, foi importante para muitas mulheres, assim como as leituras, a música, o teatro, o cinema, os centros populares de cultura, as artes em geral, a participação em grupos ligados a igrejas, todas essas atividades contribuíram tanto para

formação política, quanto para a percepção do lugar que elas ocupavam no mundo, enquanto mulheres. Havia propostas progressistas das igrejas que se comprometiam com o social e com a qualidade de vida das pessoas mais pobres. A Ação Popular[4] derivou da Ação Católica e aderiu ao marxismo-leninismo em 1968. As militantes se deslocavam para o campo ou para as fábricas para aprofundar a consciência política, no papel de trabalhadores. A ALN pretendia a criação de uma coluna guerrilheira, estando os militantes no campo e nas fábricas para conscientizar os demais trabalhadores. Escolas, partidos e igrejas estimulavam o espiríto de solidariedade e despojamento de si em relação ao outro. Muitas mulheres trabalhavam na alfabetização e em ações assistencialistas. A teologia da libertação[5] e os trabalhos sociais serviram de canal de mobilização política. A universidade foi um caminho para o crescimento pessoal e político, muitas mulheres fizeram parte do movimento estudantil e, para elas, essa participação representou um lugar de emancipação. Havia uma ebulição político-cultural na época, que constituiu focos de resistência e teve papel fundamental na conscientização política dessas mulheres. Muitas romperam com as famílias para militar e viviam de trabalhos temporários; outras, de classe alta, adequaram-se às novas condições , alterando completamente seus hábitos e enfrentando a dureza da clandestinidade.

O Estado sequestrou, mutilou, assassinou e controlou todos os meios de violência contra seus opositores, a luta armada foi uma estratégia contra essas arbitrariedades. O que forjou a resistência armada foi a ameaça à integridade física, às liberdades fundamentais e ao direito à vida.[6] Nos anos da ditadura, a luta política se somou à luta pela libertação feminina. Essas mulheres romperam com a sociedade patriarcal, opuseram-se ao Estado opressor, ditatorial, e se rebelaram no âmbito dos costumes e da sexualidade impostas na sociedade da época[7]. A liberação feminina se reforçou com a resistência dessas mulheres, que consagraram suas vidas ao combate, assumindo responsabilidades e papéis de comando. Elas provocaram mudanças de paradigma, mostrando outras possibilidades de ser mulher:

> A participação da mulher na luta armada foi também resultado desta mudança de paradigma em curso, demonstrada pela sua capacidade de rebelião e resistência, pela inserção em estruturas de guerra e de combate, modificando o ideário da dona de casa inserida no espaço do lar e circunscrita à figura da mãe de família, da mulher casta e bem comportada. A luta política se somou assim, à luta de liberação feminina e a ideia de revolução colocou em cheque, não sem dificuldade, o quadro de pensamento da época e o modelo que em geral se aceitava na sociedade. (Ribeiro, 2018, p. 229)

A participação dessas mulheres na militância implicou a transgressão de normas e códigos de gênero, rompimento com atitudes conservadoras e politização intensa. Algumas delas foram para o treinamento de guerrilha em Cuba; importante salientar que não foram inicialmente bem aceitas, nem pelos cubanos nem pelos próprios companheiros. Como a ALN se constituiu de forma horizontal[8], é difícil dimensionar a ação das mulheres na resistência e quais funções eram exercidas por elas, mas nos testemunhos evidenciam-se como tarefas, por exemplo, estudar as regiões, conseguir roupas, remédios, documentos, alugar casas, dar abrigo, esconder documentações, ajudar nas fugas, na travessia de fronteiras. Destaco aqui uma dessas mulheres, **Clara Charf** que morreu em novembro de 2025, aos 100 anos, militante do Partido Comunista Brasileiro, desde a juventude, passou 25 anos na clandestinidade, é uma referência na luta pela democracia, pelos direitos humanos e direitos das mulheres no Brasil. Foi companheira de vida e de luta de Marighella. Exilou-se em Cuba após o assassinato de Marighella. Voltou ao Brasil com a anistia em 1979, e foi militante até a sua morte. (Capriglione, 2019).

Muitas mulheres trabalhavam para se sustentarem, algumas em empresas simpatizantes de esquerda e outras em empresas simpatizantes do regime. Nesses casos, trabalhavam para conseguir informações para a ALN. Em seus trabalhos, desenvolveram redes de resistência. Muitos pais e mães apoiaram seus filhos da forma como podiam: ajudavam clandestinos, denunciavam desaparecimentos, escreviam cartas aos generais, ajudavam pessoas a saírem do país.

Na prisão, muitas atividades coletivas ajudaram a preservar a saúde mental. Muitas militantes contam do isolamento a que eram submetidas e como buscaram meios de comunicação, mesmo estando incomunicáveis, como é o caso de Maria Amélia de Almeida Teles (2024), relatado no seu livro autobiográfico *Contos da Cela Três: memórias de uma presa política na ditadura*. Teles utilizou a fantasia para criar uma personagem, com a qual dialogava nos longos períodos de incomunicabilidade.

Quando produzo trabalhos que falam de levantes e revolução, expresso a revolta em relação à realidade em que vivemos. Para além da expressão individual, o trabalho de arte manifesta a indignação de incontáveis outras mulheres. Assim como as mulheres entrevistadas, ao darem seus testemunhos, estão contando a história de muitas outras, desejo, com a arte, tecer uma rede de possíveis levantes.

4. Pesquisa poética e construção teórica

Para a produção poética, a partir da análise e reflexão das memórias relatadas, utilizarei tecidos, fios e trabalhos de agulha, a fim de articular o conceitual e o sensível (Lancri, 2002), de maneira que os trabalhos plásticos provoquem reflexões sobre as memórias das mulheres que lutaram contra a ditadura e das possibilidades de luta nos dias de hoje.

Jean Lancri (2002) define o trabalho do pesquisador em artes plásticas, enfatizando a necessária articulação entre a pesquisa poética e a construção teórica, entre o conceitual e o sensível, a razão e o sonho, de tal forma que, ao longo do processo, um modifica o outro, e a construção se faz nesse processo dialético, ou seja, esta pesquisa pretende a elaboração da obra e do texto intrinsecamente ligados, acontecendo de forma simultânea, em permanente diálogo. A produção poética desta pesquisa ampara-se nas ideias de Lancri (2002) e recorre a Georges Didi-Huberman (2022) na construção teórica. Esse autor aponta para a dimensão dos levantamentos frente às situações extremas, de perdas irreparáveis: "levantar-se, como se diz 'o levantar de uma tempestade'. Revirar a gravidade que nos prende no chão. São as leis da atmosfera inteira que são contrariadas. Superfícies – lençóis, panos, bandeiras – que esvoaçam ao vento." (Didi-Huberman, 2017, p. 95)

As memórias dos sobreviventes, quando narradas, ajudam a recompor a história, a dar sentido às lutas e sequência às vidas. Olhar para essa história é uma afirmação da nossa humanidade e do desejo de seguir lutando porque "**também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer**. E esse inimigo não tem cessado de vencer" (Benjamin, 1994, p. 225, grifo meu).

Interessa ao trabalho plástico que proponho, a partir da leitura do livro *Mulheres na Luta Armada* (2018), as obras têxteis de Louise Bourgeois, especialmente *Confrontation* (1978), pois ela acessa a subjetividade dos corpos e os intima ao confronto, utiliza formas de bulbos em trajes de látex transparente, convidando as pessoas a encararem suas próprias vulnerabilidades. Germano Celan (2010) descreve a obra *Confrontation* (1978) como uma longa mesa cercada de caixas de madeira, aparentemente caixões. A mesa é uma maca para transportar feridos ou mortos, dos dois lados da maca, são posicionados. Cada caixa representa um de nós e temos que nos encarar, nos confrontar, com os outros e conosco mesmos, olhando para o que temos de bom ou ruim, além de constatarmos como nossa vida é curta.

O trabalho plástico que estou construindo como vestimentas a serem incorporadas pelos corpos dos espectadores se relacionam com os parangolés de Hélio Oiticica, que são capas, tendas e estandartes, para serem vestidos e de preferência para dançarem com eles. Oiticica coloca a ideia de incorporação ao colocar o parangolé no corpo, o espectador deixa de olhar passivamente e participa da atividade criadora, assim, dando vida à obra à medida em que se movimenta e revela as diferentes camadas que o compõem, como os textos, as cores e os tecidos diversos.

A artista Lygia Pape foi presa e torturada pelo regime ditatorial. Em sua obra "Crime e Castigo", fica explícita a utilização da imagem somada à força das palavras para criticar a ditadura. A obra consiste em duas pias brancas, preenchidas por tinta vermelha bem evidente, e as palavras CRIME e CASTIGO. Na obra "Língua Apunhalada", utiliza o corpo para construir uma crítica à ditadura, produz o que aparentemente parece ser um autorretrato, porém são imagens que subvertem o sentido de representação de si, para destacar as arbitrariedades do regime militar.

Ribeiro (2018) afirma que houve participação das mulheres contra a ditadura, assim como muitas artistas no período tomaram partido, e utilizaram seus trabalhos para questionarem e denunciarem as a violência e a censura impostas pela ditadura.

5. Não à indiferença: arte e resistência

Os trabalhos plásticos que construo como formas escultóricas de vestir, e vestimentas com palavras bordadas a serem incorporadas aos corpos, dialogam com os trabalhos de Louise Bourgeois e Hélio Oiticica. Relaciono as fotografias impressas em tecido, com intervenções de bordados, ao trabalho de Lygia Pape, que não representa a si mesma, e sim a contestação à ditadura; assim como as fotos por mim apresentadas não representam retratos e sim imagens da iconografia dos levantes na história da arte, momentos críticos da história humana, como a ascensão do nazismo e os desastres da guerra.

A partir do *Angelus Novus*, de Paul Klee, e do texto de Walter Benjamin sobre esta imagem, penso a fotografia como possibilidade de instigar, como potência, e nesse diálogo construi o trabalho "Revolução", uma fotografia dirigida, como uma performance gestual do anjo de Klee, impressa em tecido, em escala humana e sobre a qual bordei a palavra revolução. Fiz a escolha da modelo, da

vestimenta, dos gestos do corpo e do olhar, da luz e das sombra. Antes da foto definitiva, que foi realizada pela fotógrafa Fátima Cabral, fiz alguns ensaios questionando as escolhas de cada um dos elementos.

O vestido utilizado pela modelo Valéria Pilão é uma releitura de um vestido feito pela estilista Zuzu Angel[9], nos anos de 1970. As mangas godês remetem às asas do anjo. As decisões foram sendo tomadas, passando sempre por experimentações. A cor vermelha bordada sobre a fotografia foi pensada em consonência com o texto de Dora Longo Bahia. Esta artista explica que "o vermelho tem um significado, além do simbólico e do cultural, criado por uma relação física que qualquer pessoa tem com essa cor, por tê-la dentro do corpo" (BAHIA, 2002, p. 5). Em qualquer corte que fizermos em nossos corpos veremos o vermelho, o que pressupõe uma relação intima com a cor.

Meu trabalho plástico trata de temas polêmicos, de política, ditadura, tortura, violências, e ainda assim busco a beleza, que não diminui o impacto e os questionamentos que formulo. Há uma proposta de experimentar a beleza das expressões, das cores e das estampas, mesmo que seja enquanto visualidade que mantém o drama submerso. Para a realização das fotos, muitas mulheres contribuíram, foram muitos ensaios fotográficos, estudos para iluminação, experimentações de poses e modelos.

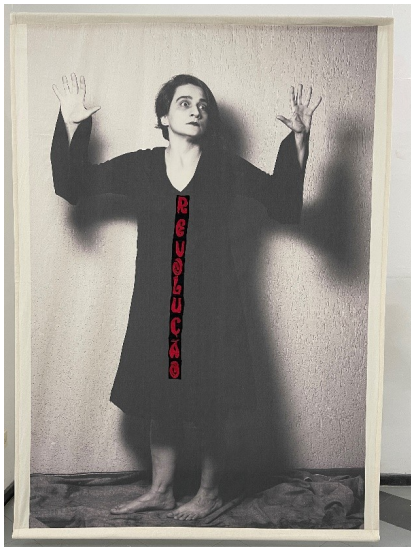


Fig. 3: **Revolução**, 2024. Fotografia inspirada na imagem *Angelus Novus,* de Paul Klee, impressa em tecido de algodão, com intervenção de bordado. 200cm x 150cm. Crédito da fotografia Fátima Cabral. Fonte: A autora.

A segunda imagem, fonte de inspiração, é o desenho de Francisco de Goya, "*No harás nada com clamar*". Em relação a esta imagem, produzi o trabalho "Levante", também uma imagem fotográfica com intervenção de bordado. Didi-Huberman (2020), citando Albert Camus, recorda o papel da criação artística como paradigma da revolta, como uma possibilidade de reconhecer a carga que carregamos sobre as costas e poder atirá-la para longe de nós. Para realização desta imagem todos os elementos foram estudados, e a modelo escolhida foi Eliane Andreazza. A dramatização performática se funde ao desenho de Goya, um camponês com um corpo moldado pelo trabalho na terra, com a enxada aos pés, sendo ela uma mulher que enfrenta os percalços da vida com os pés fincados no chão e olhar que se movimenta para o levante necessário.



Fig. 4: **Levante**, 2024. Fotografia inspirada na imagem: *No harás nada com clamar* de Francisco Goya, impressa em tecido de algodão, com intervenção de bordado.182cm x 150cm. Fonte: A autora.

A seguir trago as imagens 5, 6 e 7 com os trabalhos que denominei vestíveis, proponho que sejam incorporados aos corpos das participantes, como na figuara 7. Estes trabalhos dialogam com os "Parangolés" de Hélio Oiticica, para ele a obra depende da participação, do movimento, da ação de vestir-se. Em "Anotações sobre o Parangolé" o artista conta que ao realizar as capas aspira que o espectador passe a ser participador, vestido as capas e movimentando o corpo como numa dança. Oiticica deseja a "incorporação mágica dos elementos da obra" (OITICICA, 1986, p.70)





Fig.5 e 6: **Vestir revolução**. **Vestir Levante**. 2024. Obra vestível, linho descolorido e tecidos estampados e palavras bordadas. 160cm x 60cm. Fonte: A autora.



Fig. 7. 2024. Obras vestíveis. Fotografia. Fonte: A autora.

O vestível "Revolução" (fig. 5) realizei com tecidos intercalados de forma orgânica que ao serem colocados sobre o corpo trouxesse a maciez do linho e do algodão e as estampas coloridas, em formas onduladas simulassem o movimento de uma dança. A palavra bordada se relaciona com as mulheres militantes e convida para luta.

Ao construir o vestível "Levante" (fig. 6) escolhi a cor vermelha e formatos irregulares de tecido que fossem sobrepostos a uma camisa desconstruída. A escolha do vermelho e a palavra bordada, a forma rasgada e irregular lembra o sangue derramado, o estraçalhar dos corpos na tortura, ao mesmo tempo que aponta para as possibilidades de levante. Também este vestível foi incorporado aos corpos e se entrelaçaram a outros corpos numa espécie de dança singular.

Esses trabalhos trazem à tona a luta contra o esquecimento, revelam memórias e apontam para as brechas de enfrentamento e subversão, dizem não à indiferença, tomam partido.

Considerações Finais

A maioria dessas 45 mulheres que contaram suas memórias seguem, ou seguiram até morrerem, militando na defesa dos direitos humanos, do feminismo e contra as injustiças sociais; criaram mecanismos de denúncia no período da ditadura para tornar visível o que ocorria nos seus porões, e estiveram à frente dos movimentos pela democracia, pelas eleições diretas, pela criação da Comissão Nacional da Verdade, mais recentemente contra o fascismo, o negacionismo e a favor da vida democrática.

Nos dias de hoje, passados mais de 60 anos do golpe militar de 1964, ainda somos ameaçados pelo fascismo, por isso, a resistência precisa ser constante e, sem dúvida, a arte pode ser uma das formas de dar visibilidade à história, para que não se repita. A memória das militantes vencidas naqueles tempos, ao ser construída, além de mostrar as feridas da nossa sociedade no que diz respeito à desigualdade social, às mazelas de uma sociedade capitalista, também evidencia a luta das mulheres por direitos, que avançou tão pouco nesses 60 anos.

Este trabalho apenas dá início a uma série de outros, convidando à reflexão e à resistência. Ao trabalhar com essas memórias e falar dessas mulheres, este artigo pretende falar de muitas outras que lutaram, naqueles anos, contra a ditadura empresarial-militar, e que seguem lutando hoje, apontando para outras tantas que apenas iniciaram o processo de transformação, e que podem contribuir na construção da resistência, na luta contra todas as formas de manutenção das desigualdades sociais. As violências perpetradas e ocultadas pela ditadura precisam ser explicitadas, faladas de todas as formas; dar voz àquelas que lutaram contra a ditadura, sofrendo em seus corpos a tortura e todas as formas de repressão, é umas das possibilidades da arte.

Os trabalhos plásticos que construo relacionam-se com as memórias das mulheres que subverteram a ordem vigente, tanto na vida pública quanto privada, na medida em que existe uma proposição subversiva, tanto na forma vestível, que se realiza nos corpos participantes, quanto nas palavras bordadas que apontam para possibilidades de resistência. Por outro lado, as fotografias inspiradas nas imagens icônicas da história da arte, sobre as quais saltam palavras que acrescentam significados às expressões das mulheres fotografadas, instigam desejos de subversão frente à realidade em que vivemos hoje. O conjunto de trabalhos construídos em conexão com este texto

incitam um movimento inconformista, de tomada de decisão pela transformação social, cria espaços de diálogo com realidade atual, sem deixar de olhar para o passado, uma vez que nos construímos, em relação dialética, com a nossa atuação no mundo.

Assim como as mulheres aqui mencionadas abriram caminhos em diferentes direções no período da ditadura, propomos desembaraçar os fios que teceram nossa história e entrelaçar coletivamente outras tramas possíveis na urdidura da história.

REFERÊNCIAS

AINDA estou aqui. Direção: Walter Salles. Produção: Maria Carlota Fernandes Bruno, Rodrigo Teixeira e Walter Salles.Sony Pictures Releasing. 2024. Cinema.

ARAÚJO, Maria Paula, "Esquerdas, juventude e radicalidade na América Latina" in:

FICO, C; Ferreira, M; ARAÚJO, M e QUADRAT, S. **Ditadura e democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

BAHIA, Dora Longo. **Who's afraid of red?** Galeria Luisa Strina. São Paulo, 2002.

BASTOS, Nathalia de Souza. Perdão , meu capitão, eu sou gente para mais além do meu sexo : A militância feminina em organizações a esquerda armada (Brasil, anos 1960-1970) In : Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG , - v.8 , n . 2 (1 .sem.2000) – Niterói : EdUFF , 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª ed. Vol. 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOFF, Leonardo. **Teoria do cativeiro e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BORGES, Carla; MERLINO, Tatiana (orgs). **Heroínas desta História**: mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura.1ª Edição. São Paulo: Instituto Vladimir Herzog; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CAPRIGLIONE, Laura. Amor que não se apaga. In: BORGES, Carla; MERLINO, Tatiana (orgs). **Heroínas desta História**: mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura.1ª Edição. São Paulo: Instituto Vladimir Herzog; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CELAN, Germano in: BOURGEOIS, Louise. ***The Fabrics Works***. Milan: Skira Editore, 2010.

CIAMBARELLA, Alessandra. Do cristianismo ao maoísmo: a história da Ação Popular. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs). **Revolução e Democracia** (1964-...). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Desear desobedecer:** lo que nos levanta, 1. Madrid. Abada Editores, S.L., 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. São Paulo. Edições Sesc São Paulo, 2017.

FUNDACIÓN Goya. **No harás nada con clamar**. Disponível em: https://fundaciongoyaenaragon.es/obra/no-haras-nada-con-clamar/1156. Acesso em: 26 jun. 2025.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre, L&PM, 1994.

INSUELA, Julia Bianchi Reis.**Visões das mulheres militantes na luta armada**: repressão, imprensa e (auto)biografias. (Brasil 1968/1971). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero**: metodologia de pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

MARSCHALK, Cidnei. O anjo da história. **A terra é redonda**. São Paulo, 6 jan. 2024. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/o-anjo-da-historia/. Acesso em: 26 jun. 2025

MELO, Demian Bezerra de. **Ditadura "Civil-Militar"?:** Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. **Revista Espaço Plural,** Cascavel, ano XIII, nº 27, 2º semestre 2012. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/8574. Acesso em: 02 set. 2018.

OITICICA, Hélio. Aspiro o grande Labirinto. Rio de Janeiro, Editora Rocco Ltda, 1986.

PAIVA, Marcelo Rubens Paiva. **Ainda estou aqui** . Rio de Janeiro. Objetiva, 2015.

PARANGOLÉ P15, Capa 11, Incorporo a Revolta. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra12915/parangop15-capa-11-incorporo-a-revolta. Acesso em: 18 de novembro de 2024. Verbete da Enciclopédia.

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. **Mulheres na Luta Armada**: protagonismo feminino na ALN (Ação Libertadora Nacional), São Paulo Alameda, 2018.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

SAFATLE, Vladimir.(org) **Carlos Marighella**: Chamamento ao povo brasileiro e outros escritos. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Contos da cela três.** Memórias de uma presa poléica na ditadura. São Paulo, Ema livros: Editora Timo, 2024.

Este trabalho está disponível sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

NOTAS

1 Melo (2012), a partir da leitura de Dreifuss (1981), sugere a utilização da expressão *ditadura empresarial-militar* para dar conta da participação das classes dominantes na articulação conservadora para a derrubada do governo João Goulart. A escolha de Demian Bezerra de Melo justifica-se pelos trabalhos do autor no combate ao revisionismo histórico e à diluição da responsabilidade empresarial na sustentação do golpe militar de 1964 e à ditadura que se seguiu.

2 A Comissão Nacional da Verdade foi criada em 2011, com a finalidade de apurar violações de direitos humanos durante o Regime Militar de 1964 a 1988. Foram ouvidas vítimas, testemunhas e agentes da repressão. Em 2014, a Comissão entregou para a sociedade brasileira o relatório final de seus trabalhos.

3 A obra de Paul Klee, *Angelus Novus*, foi comprada por Walter Benjamin em 1921. Ele a manteve consigo até a sua morte. Posteriormente, coube a Theodor Adorno, filósofo da Escola de Frankfurt, a posse da obra, que, com seu falecimento, passou a Gershom Scholem e, após sua morte, foi doado para o Museu de Israel em 1987.

4 A Ação Popular foi uma organização política de esquerda criada em 1962, resultado da atuação de militantes da Juventude Universitária Católica e outros setores da Ação Católica Brasileira. Sobre a AP consulte Ciambarella (2007)

5 A teologia da libertação é uma abordagem teológica cristã que enfatiza a libertação dos oprimidos. Ficou conhecida dentro do catolicismo na década de 1960, e tornou-se uma prática política que se preocupava com os pobres e oprimidos. Em relação à teologia da libertação ver Leonardo Boff (1980).

6 Ver a este respeito o prefácio de Vladimir Safatle à coletânea de textos de Carlos Marighella publicada em 2019. Outro autor relevante para reflexão sobre o período é Marcelo Ridenti (1993).

7 Sobre a questão da luta armada e a adesão das mulheres e jovens, consultar: Maria Paula Araújo (2008), Nathalia de Souza Bastos (2008), Julia Bianchi Reis Insuela (2011) e Marcelo Ridenti (1993).

8 A Ação Libertadora Nacional se constituiu numa organização horizontal, o comando era descentralizado e a atuação dos militantes de dava em três frentes: Frente de Trabalho Político; Frente Guerrilheira e Rede Logística de Apoio. Marighella seguido de outros militantes que sairam do Partido Comunista Brasileiro (PCB), entendia que a organização surgia da base e não da cúpula, tinham como príncipios: compromisso com a revolução, praticar atos revolucionários, defendia a luta armada, concebida como guerrilha. A respeito da ALN consultar Marighella (2019), Ridenti (1993), Ferreira e Reis (2007).

9 Zuleika de Souza Netto (1921-1976) conhecida como Zuzu Angel, estilista brasileira, inovadora na moda, que ficou conhecida pela procura de seu filho Stuart Angel, sequestrado, torturado, assassinado e desaparecido pela ditadura militar no Brasil, sua morte só foi reconhecida em 2014, na Comissão Nacional da Verdade. Em 2019, Hildegard Angel, sua filha, conseguiu as certidões de óbito do irmão e da mãe. As causas das mortes foram atestadas como "morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro. Em 2025, a certidão de óbito de Zuzu Angel, morta em 1976, foi oficialmente retificada pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania